

O ESPAÇO MODELADO

EXPOSIÇÃO DE FOTOGRAFIA

Paulo Morais-Alexandre

Coleção Catálogos, fevereiro 2025

BIBLIOTECA
ESCOLA SUPERIOR DE TEATRO E CINEMA



COLEÇÃO CATÁLOGOS

Instituto Politécnico de Lisboa

ESPAÇO ALMEIDA GARRETT

Autoria | Paulo Morais-Alexandre

Coordenação do Espaço | Conselho da Biblioteca

Composição gráfica | Luísa Marques

24 de fevereiro a 4 de abril de 2025

SOBRE O AUTOR

Paulo Morais-Alexandre

Nascido em Lisboa a 16 de julho de 1962.

Licenciado em História, variante de História da Arte, pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa; Mestre em História da Arte pela Universidade Lusíada de Lisboa; Doutor em Letras, área de História, especialidade de História da Arte, pela Universidade de Coimbra.

Professor Coordenador da Escola Superior de Teatro e Cinema, tendo desempenhado, entre outros, os seguintes cargos e funções: Presidente da Mesa da Assembleia de Representantes, Presidente da Comissão Científica do Departamento de Teatro e Presidente do Conselho Diretivo (2004-2007).

Investigador Integrado do Centro de Investigação e de Estudos em Belas-Artes (CIEBA) da Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa.

Regeu, entre outras, as unidades curriculares de História do Vestuário e da Moda I e II, História da Arte I, II, III e IV, Propedêutica Artística, Problemas da Arte Contemporânea, Teoria e História do Design de Cena I, II, III e IV, Teoria e História da Arquitetura II, Dramaturgia do Espaço Cénico e do Figurino.

Exerceu atividade docente na Universidade Católica Portuguesa; na Universidade Moderna; Escola Superior de Artes Decorativas - ESAD da Fundação Ricardo Espírito Santo Silva; no Instituto de Artes Visuais, Design e Marketing – IADE; Escola Superior de Educação de Lisboa e Escola Superior de Teatro e Cinema do Instituto Politécnico de Lisboa.

Foi Presidente da Escola Superior de Educação de Lisboa (2022-2023) e Pró-Presidente para as Artes do Instituto Politécnico de Lisboa (2010-2022).

Autor de conferências e publicações nos campos da História da Arte, Questões Estéticas relacionadas com a Arte Contemporânea e com o Cinema e Artes Performativas, História do Vestuário, da Moda e dos Figurinos, Heráldica, com artigos publicados em periódicos como a *Revista Militar*, *Boletim da Academia Portuguesa de Ex-Líbris*, *Brotéria*, *Tabardo*, *Olisípo*, *Alicerces*, *Armas & Troféus*, entre outros, tendo ainda colaborado em *História da Arte em Portugal*, Edições Alfa; *Casas Nobres de Portugal*, Difel; “Suplemento” ao *Dicionário da História de Portugal*, Livraria Editora Figueirinhas; *Leituras do Homem*, Editora Internacional; *Símbolos, Gerações e História*, Academia de Letras e Artes; *As Peças Perdidas do Teatro de Revista à Portuguesa 1850-1868*, Imprensa Nacional.

Publicou mais de cinquenta textos em catálogos de Exposições.

Pertence à Academia Nacional de Belas Artes (sócio correspondente), Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo (Brasil), Sociedade de Geografia de Lisboa, Royal British Club, entre outras associações e academias.

Comendador da Ordem do Ouissam Alaouite (Reino de Marrocos).

Medalha de D. Afonso Henriques - Mérito do Exército, de 1.^a classe (Exército Português).

Afiliação institucional

Instituto Politécnico de Lisboa, Escola Superior de Teatro e Cinema,
Avenida Marquês de Pombal, 22 B, 2700-571 Amadora, Portugal.

Universidade de Lisboa, Faculdade de Belas-Artes, Centro de Investigação e de
Estudos em Belas-Artes (CIEBA), Largo da Academia Nacional de Belas-Artes,
1249-058 Lisboa, Portugal.

E-mail: pmorais@estc.ipl.pt

SOBRE A EXPOSIÇÃO

L'architettura è il termometro e la cartina di tornasole della giustizia e della libertà radicate in un consorzio sociale. Decostruisce le istituzioni omogenee del potere, della censura, dello sfascio premeditato, e progetta scenari organici. Fuori di una modernità impegnata, sofferta e disturbata non c'è poesia architettonica.

Bruno Zevi - Architettura della Modernità, 1994

Antes de mais, uma declaração de intenções, o autor da exposição jamais pretendeu ser fotógrafo, nem mesmo na mais tenra meninice, altura em que aspirava a algo como conduzir um carro de bombeiros ou ser astronauta, mas é objetivamente professor de História da Arte, algo que jamais se poderá despir como se tira um casaco. Paralelamente tem, como qualquer bom investigador da área que se preze, uma paixão profunda pelas viagens, sendo estas sempre culturais e maioritariamente realizadas para conhecer e, sobretudo, entender melhor as obras de que fala nas aulas, nomeadamente os mais relevantes edifícios construídos pelo ser humano, o que leva ao cruzamento com a bibliografia utilizada nas aulas, que aqui se sintetiza, citando-se apenas algumas histórias generalistas, várias que remontam aos anos da licenciatura na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, onde alguns historiadores e não só, se tornaram os seus verdadeiros *maîtres à penser*, caso de Bruno Zevi que ensinou o autor da exposição a “saber ver a Arquitetura”, mas também René Huyghe, cuja inteligência e visão da Arte se considera não ter sido ultrapassada até ao presente por obras mais hodiernas. Abre-se apenas uma exceção, em termos de referências generalistas, a citação da obra do sábio Umberto Eco – *Arte e Beleza na Estética Medieval*, fulcral, também, para a formação do aprendiz de fotógrafo. Mas a produção de conhecimento não para e por isso citam-se obras mais recentes, caso da dirigida por Rolf Toman e Achim Bednorz - *History of Architecture*.

Estas viagens começaram por ser documentadas em fotografias ainda em película, em rolos que permitiam 36 impressões, com sorte 37 e, depois, com máquinas digitais que proporcionam um número muito mais significativo de más fotografias, o que tem também a vantagem de possibilitar que, por exaustão, mais se possam aproveitar. Destes milhares de fotografias foram selecionadas poucas dezenas, que se considera que permitem apresentar uma tão brevíssima, quanto didática, história cronológica da modelação do espaço no Ocidente. Repete-se que as obras selecionadas não o foram por serem excecionais enquanto fotografias, mas por se considerar que são emblemáticas de diversos momentos da arquitetura, pedindo-se ao sacrificado

público as necessárias desculpas por alguns defeitos que encontre nas obras, nomeadamente, nas fotografias mais antigas, que evidenciam algum grão na ampliação.

Importa referir que também não há aqui qualquer pretensão a uma particular originalidade, até porque muitas das obras arquitetónicas fotografadas são absolutamente paradigmáticas e algumas serão mesmo fotografadas milhares de vezes por dia, pelo que provavelmente a maioria dos enquadramentos possíveis estará certamente esgotada. Não obstante, haverá que afirmar que jamais se fez qualquer impressão a partir de uma referência fotográfica anterior.

Além da obrigatória seleção que limita o número das representações, há outras lacunas que tornam a mostra obviamente incompleta, até porque de algumas viagens não restaram fotografias, caso das idas a Roma, que remontam aos tempos da arcaica película, a carecer de revisitação clara, quanto mais não seja para fotografar a seminal cúpula do Panteão ou as igrejas barrocas de Gian Lorenzo Bernini e Francesco Borromini.

Assim, sintetiza-se um longo percurso de dezenas de séculos que se inicia no tratamento do espaço, ainda em tempos pré-históricos, com um cromeleque, relativamente desconhecido, designado como *Long Meg and Her Daughters* (fig. 1) perto de Penrith, Inglaterra, seguido do tão emblemático quanto tardio *Stonehenge* (fig. 2).

Expõem-se fotografias de alguns dos mais emblemáticos edifícios do mundo grego, o brutal segundo templo de Hera em Paestum, da ordem dórica, representando as colónias da Magna Grécia (fig. 3), mas também o muito mais elegante templo jónico de Atena Nike na Acrópole de Atenas, visto do Propileu (fig. 4) e o edifício teatral, com os *thronoi*, os assentos da primeira fila do *theatron* do teatro de Dionysus em Atenas (fig. 5). Também representada na mostra está a primeira globalização feita a partir da Europa, a helenística, com a fotografia do que resta do monumental templo de Zeus Olímpico, também na anteriormente referida cidade de Atenas, mas já distante da Acrópole (fig. 6), o que mostra que havia um novo paradigma arquitetónico. Daqui deriva a arquitetura romana, representada por um dos mais importantes templos, o que dá o nome ao modelo arquitetónico, a *Maison Carrée* edificada em Nîmes (fig. 7) e o anfiteatro de Arles (fig. 8) que, como se vê, ainda está ativo na produção de espetáculos de lutas entre humanos e animais.

Documenta-se a destruição da estética clássica e regista-se a criação da arquitetura cristã, o mundo paleocristão e bizantino, representado pelo mausoléu de Gala Placidia em Ravena (fig. 9), a abóbada em cúpula e duas meias cúpulas de *Hagia Sophia*, dos arquitetos Antémio de Tralles e Isidoro de Mileto (fig. 10), bem como um lindíssimo templo, a igreja de Santa Irene também localizada na antiga capital do

império bizantino (fig. 11), uma das poucas cuja despojada decoração, tão característica da época da iconoclasta (730-843), sobreviveu. Por fim, expõe-se uma fotografia de um dos mais extraordinários espaços, a Cisterna da Basílica em Constantinopla, cidade hoje rebatizada de Istambul (fig. 12).

A Ocidente, a Europa começava a definir-se enquanto civilização formada por diversas nações com denominadores comuns, o Românico iria ser anunciado, mas ainda não existia, sendo este tempo representado pela asturiana e pré-românica Igreja de *Santa María del Naranco* (fig. 13), que já deixava antever que novas realizações adviriam.

O Românico francês está representado pelas fotografias da fachada da igreja *Notre-Dame la Grande* de Poitiers (fig. 14), a que Germain Bazin se referia como exemplar do românico do sudoeste francês, do Poitou-Saintonge; pela imponente torre lanterna da igreja de *Saint Sernin* de Toulouse (fig. 15), e expõe-se, ainda, uma fotografia da misteriosa capela do *Sépulcre* de Saint-Léonard-de-Noblat (fig. 16).

Infelizmente, qualquer que seja a câmara, jamais será possível transmitir a emoção que as catedrais góticas produzem no autor, duas em particular, *Notre-Dame* de Paris (fig. 17), embora nesta, à primeira vista, e a fotografia foi tirada antes do devastador incêndio, não se consiga descortinar o que é original e o que será do restauro de Eugène Emmanuel Viollet-le-Duc, não sendo por acaso que ainda hoje se usa a expressão “sofrer” restauro, e, sem qualquer dúvida, a catedral, também sob a invocação mariana de *Notre-Dame*, de Chartres (fig. 18) que, pela primeira vez, lhe deu a conhecer a síndrome de Stendhall. Por fim e ainda do Gótico, são revelados os arcobotantes da catedral de *Saint Gatien* de Tours (fig. 19).

A permanência do Islão na península ibérica e não só também se regista, evocando-se os herdeiros do califado de Córdoba, com imagens da mesquita, hoje catedral desta cidade, os fabulosos arcos polilobados, que consta serem tantos quantos os dias do ano (fig. 20) e a *maqsura*, onde o soberano se protegia das tentativas de assassinato (fig. 21) e os palácios *Nasrid* de Granada, com os estuques do teto do salão dos *Abencerrajes* (fig. 22), mas também relativa a o mundo otomano, com uma fotografia da cúpula da mesquita *Yeni Valide*, a Mesquita Nova, em Istambul (fig. 23).

Entretanto na península itálica ia-se rejeitando o Românico e o Gótico, produzindo-se uma arquitetura bem diferenciada, ainda profundamente ligada ao mundo clássico, com os monumentos placados com mármore decorativos a que os historiadores insistem em chamar Neolatino, representado magnificamente pela catedral de Santa Maria Assunta e torre de Pisa (fig. 24).

O *Quattrocento* italiano manifesta-se pelas obras de Filippo Brunelleschi e Leo Battista Alberti, respetivamente a florentina *Capella Pazzi* (fig. 25), uma das obras mais emblemáticas deste período, quer pela proporção, quer pelo contraste dos materiais entre a *pietra serena* e a alvenaria, e o pórtico da Basílica de *Sant'Andrea* em Mântua (fig. 26). O *Cinquecento* renascentista está representado pela igreja de *San Biagio* da autoria de Antonio da Sangallo em Montepulciano (fig. 27). Paralelamente, evidenciando-se a existência de “outros” renascimentos, apresenta-se, também, o Palácio dos Diamantes em Ferrara (fig. 28) que influenciou a lisboeta Casa dos Bicos, mas verdadeiramente preciosa será a fachada da igreja da Cartuxa de Pavia do arquiteto Giovanni Antonio Amadeo (fig. 29) que viria a influenciar a arquitetura da península ibérica, nomeadamente através do plateresco, que contemporâneo da unificação de Espanha e aí desenvolvido, chegaria a Portugal onde marcaria monumentos tão importantes como o claustro do Mosteiro dos Jerónimos em Belém.

Entra-se no Maneirismo pela mão de Andrea Palladio, com uma fotografia do primeiro teatro construído depois da queda de Roma, o *Teatro Olimpico* de Vicenza, documentando ainda a fotografia o importantíssimo cenário perspetivado fixo de Vincenzo Scamozzi (fig. 30) e, também, através da heterodoxia de Giulio Romano no *Palazzo del Te* em Mântua (fig. 31).

Evita-se a repetição de fotografias de obras do mesmo arquiteto, mas às vezes tal, pela diferença e, sobretudo, pela relevância das mesmas, torna-se impossível. Assim, expõem-se excecionalmente duas obras do mesmo arquiteto, o monge modenense Guarino Guarini, o que se justifica plenamente, num caso, o do *Palazzo Carignano*, pelo ondulante da fachada (fig. 32), tão emblemática da arquitetura barroca, e, no outro, por uma obra que não podia faltar, talvez a mais bela de todas as cúpulas, a da capela da *Santa Sindone* (fig. 33). Por outro lado, também se documenta a diversidade do Barroco, através da fabulosa fachada da catedral de Santiago de Compostela, a *Obradoiro* do galego Fernando de Casas y Novoa (fig. 34), tão diversa da austríaca Igreja de São Carlos Borromeu, a *Karlskirche*, de que foi arquiteto Joseph Emanuel Fischer von Erlach (fig. 35).

Na velha Albion, sempre tão diferente, a reação britânica ao Barroco que se designou por Palladianismo mostra-se através da obra do monumental *Marble Hall* em *Holkham Hall*, de William Kent (fig. 36), mas devidamente apoiado por Lord Burlington, omitindo-se tantas outras possíveis e ficando de fora, à espera de outras núpcias, os maravilhosos *landscape gardens* ingleses desse genial Capability Brown.

O Rococó, cuja arquitetura o autor estupidamente desprezava até o ter descoberto na primeira viagem à Baviera, está presente no seu mais alto nível, com a abadia beneditina de Ettal (fig. 37) e com a igreja de São João Nepomuceno, esta em

Munique, tantas vezes designada por *Asamkirche* (fig. 38) devido a ter sido criada pelos irmãos Cosmas Damian e Egid Quirin, com este apelido. Também se apresenta um dos mais cinematográficos espaços de todos, o pavilhão de caça *Amalienbourg*, com arquitetura de François Cuvilliés e os tão magníficos, quanto elegantes, estuques de Johann Baptist Zimmermann (fig. 39), imortalizado, como se disso necessitasse, por Alain Resnais em *L'Année dernière à Marienbad*.

O Neoclássico não podia deixar de estar presente, apesar de não entusiasmar particularmente o autor, expondo-se imagens do *Panthéon* de Paris, sem dúvida a obra maior de Jacques-Germain Soufflot (fig. 40), a basílica *di San Francesco de Paula* (fig. 41) no estranhíssimo *Forum Murat* de Nápoles, e a Academia de Atenas (fig. 42), criada em pelo arquiteto dinamarquês Theophil Hansen, um pouco mais tardia, mas não menos interessante.

A paixão pela arquitetura medieval contemporânea do Neoclássico, lembre-se que Horace Walpole escreve *O Castelo de Otranto* em 1764, por muitos considerado o primeiro romance gótico e que a sua própria casa, *Strawberry Hill*, começa a ser reconstruída em meados do século XVIII em estilo Neogótico. Destes “Neos” que virão a ser tão característicos do século XIX são expostas fotografias de três obras: de Louis Müller a neogótica Igreja de São Paulo em Estrasburgo (fig. 43); a *Igreja de Santa Maria la Real de Covadonga*, esta neorromânica, da autoria dos arquitetos Roberto Frassinelli e Federico Aparici y Soriano (fig. 44); de John Nash, o *Royal Pavilion* em Brighton este já bem diferente com as suas cúpulas evocadoras do mundo indiano islâmico (fig. 45).

Já mais interessante o Protorromantismo, desde logo com o perturbante *Magdalenenklause*, da autoria de Joseph Effner, à semelhança do *Amalienbourg* localizado no parque do palácio de *Nymphenbourg*, tecnicamente muito anterior ao Romantismo, sendo a primeira falsa ruína, depois uma voga que viria a ter reflexos que chegariam a Portugal, com construções no parque do Palácio de Monserrate, ou no jardim público de Évora, com umas espantosas “Ruínas Fingidas” da autoria do cenógrafo italiano Giuseppe Cinatti. Regressados à Baviera com os castelos desse louco Ludwig II, expondo-se duas fotografias de duas destas obras, o Palácio de Neuschwanstein nas cercanias de Füssen (fig. 47) e o menos conhecido, mas não menos extraordinário Palácio de Linderhof (fig. 48), este em Ettal, uma estranhíssima homenagem ao Rei-Sol Louis XIV e às suas amantes.

Dentro dos extraordinários ecletismos que conseguem conjugar formas artísticas tão diferenciadas quanto as do renascimento, do barroco e até da estética bizantina, haverá que referir e incluir na mostra uma imagem da Ópera de Paris, erigida no tempo do Segundo Império, sob a direção de Charles Garnier, que aliás levaria ao

batismo deste edifício com o seu nome, passando a ser conhecido como *Palais Garnier*, mostrando-se o riquíssimo *Grand Foyer* (fig. 49).

Já não existindo o *Crystal Palace* de Joseph Paxton para fotografar, a Arquitetura do Ferro fica bem representada por uma estrutura temporária, erigida sob a direção de Gustave Eiffel para comemorar o primeiro século da Revolução Francesa, que se tornou perene e absolutamente emblemática da cidade de Paris (fig. 50).

Depois entra a Arte Nova, privilegiando-se a variante menos divulgada, a da linha reta de Otto Wagner na Áustria, com a *Medaillon-Haus* (fig. 51) ou de Charles Rennie Macintosh em Glasgow, Escócia, onde o autor tomou chá na *Willow Tea Room* (fig. 52) e visitou a Escola das Artes (fig. 53) antes dos terríveis incêndios que a destruíram e deixariam apenas de pé a fachada.

Da Art Deco regista-se a entrada do Rockefeller Center, com um relevo na fachada alusivo à Sabedoria (fig. 54).

Das mudanças espoletadas pelos Congressos Internacionais de Arquitetura Moderna, em particular do IV, do qual resultaria a importantíssima *Carta de Atenas* e do *International Style* documenta-se o confronto entre Corbusier e Frank Lloyd Wright, com uma imagem muito pouco conhecida de Notre Dame-du-Haut em Ronchamp, do primeiro (fig. 55), e outra do Museu Guggenheim de Nova York, do segundo (fig. 56).

A exposição termina com três edifícios absolutamente emblemáticos da atualidade: o Museu Judaico de Berlim, do arquiteto Daniel Libeskind (fig. 57), o edifício da Fundação Louis Vuitton em Paris, do sempre polémico Frank Gehry (fig. 58), lamentando-se que se tenha perdido a oportunidade para ter um edifício da sua autoria em Lisboa e, por fim, a estação de metro de Santiago Calatrava, no tão perturbante *Ground Zero*, em Nova York (fig. 59), mas cuja construção evidencia um momento de esperança e, sobretudo uma confiança no devir, no devir não só da Arquitetura, mas da própria Humanidade.

Fica, agora, a faltar o admirável mundo do Oriente, mas também a arquitetura portuguesa, que é muito mais do que o Manuelino, o Pombalino ou o Raúl Lino, ficando prometidas, desde já, novas exposições.

Bibliografia muito sumária

- BAZIN, Germain - *História da Arte: da pré-história aos nossos dias*. Venda Nova : Livraria Bertrand, 1976.
- BELL, Julian - *Espelbo do Mundo: Uma Nova História da Arte*. Lisboa : Orfeu Negro, 2009.
- CONWAY, Hazel & ROENISCH, Rowan (eds.) - *Understanding architecture: An introduction to architecture and architectural history*. New York : Routledge, 2004.
- ECO, Umberto – *Arte e Beleza na Estética Medieval*. Lisboa : Editorial Presença, 1986.
- HUYGHE, René (dir.) - *L'Art et l'Homme*. Paris : Larousse, 1957-1961.
- JORDAN, R. Furneaux – *História da Arquitectura no Ocidente*. Lisboa : Verbo, 1985 (reed.).
- KRUFIT, Hanno-Walter – *Historia de la Teoria de la Arquitectura*. Madrid : Alianza Editorial, 1990.
- TOMAN, Rolf & BEDNORZ, Achim (eds.) - *History of Architecture*. Bath : Parragon, 2013.
- ZEVI, Bruno - *Architettura della modernità*. Roma : Newton Compton Editori, 1994.
- ZEVI, Bruno - *Saber Ver a Arquitectura*. São Paulo : Martins Fontes, 1978.



1 – *Cromeleque Long Meg and Her Daughters*, 3200 – 2500 a.C.. Penrith, Inglaterra.



2 – *Cromeleque Stonehenge*, 3100 – 1100 a.C.. Wiltshire, Inglaterra.



3 - *Segundo Templo de Hera*, séc. V a.C.. Paestum, Itália.



4 – *Templo de Atena Nike*, séc. V a.C., visto do Propileu, séc. V a.C.. Atenas, Grécia.



5 - *Teatro de Dionysus*, séc. IV a.C.. Atenas, Grécia.



6 - *Templo de Zeus Olímpico*, séc. II a.C.. Atenas, Grécia.



7 – *Templo Maison Carrée*, séc. I a.C.. Nîmes, França.



8 – *Anfiteatro*, séc. I. Arles, França.



9 - *Mansolén de Gala Placídia*, séc. V. Ravenna, Itália.



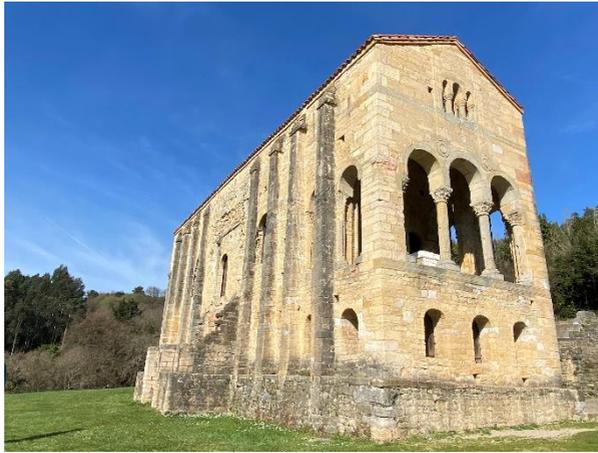
10 - Antémio de Trales e Isidoro de Mileto – *Igreja de Hagia Sophia*, séc. VI. Istambul, Turquia.



11 – Igreja de Santa Irene, séc. VIII. Istanbul, Turquia.



12 - Cisterna da Basílica, séc. VI. Istanbul, Turquia.



13 - *Igreja de Santa Maria del Naranco*, séc. IX. Naranco, Espanha.



14 – *Igreja de Notre-Dame la Grande*, sécs. XI-XII. Poitiers, França.



15 - "Torre lanterna" em *Igreja de Saint Sernin*, séc. XI. Toulouse, França.



16 - "Capela do Sépulcre" em *Colegiada de Saint-Léonard-de-Noblat*, séc. XI. Noblat, França.



17 – *Catedral de Notre-Dame*, sécs. XII-XIII.
Paris, França.



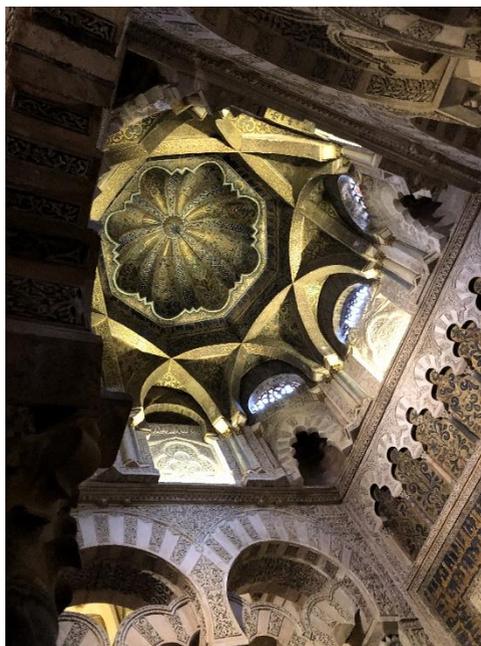
18 – *Catedral de Notre-Dame*, sécs. XII-XIII. Chartres,
França.



19 – *Catedral de Saint Gatien*, sécs. XII-XIII. Tours, França.



20 – *Mesquita-Catedral*, sécs. VIII-XI. Córdoba, Espanha.



21 – “Maqsura” em *Mesquita-Catedral*, séc. X. Córdoba, Espanha.



22 – “Salão dos Abencerrajes” em *Palácio Nasrid*, sécs. XIII-XIV. Granada, Espanha.



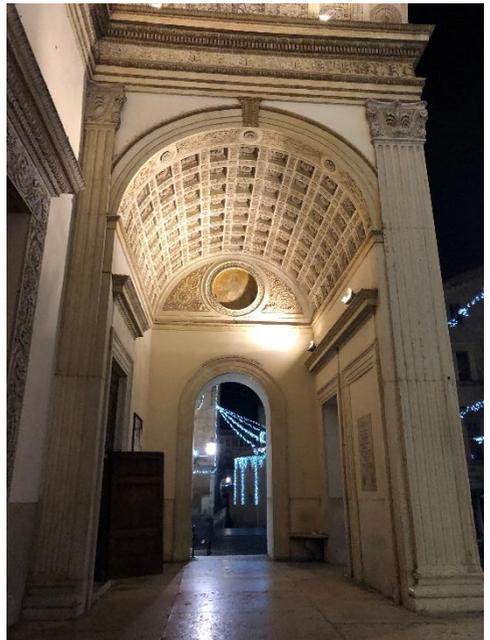
23 – *Mesquita Yeni Valide*, sécs. XVI-XVIII.
Istambul, Turquia.



24 – *Catedral de Santa Maria Assunta e Torre*,
sécs. XI-XIV. Pisa, Itália.



25 – Filippo Brunelleschi - *Capella Pazzi*, séc. XV. Florença, Itália.



26 – Leo Battista Alberti - *Basilica de Sant'Andrea*, séc. XV. Mântua, Itália.



27 – Antonio da Sangallo - *Igreja de San Biagio*, séc. XVI.
Montepulciano, Itália.



28 – Biagio Rossetti - *Palácio dos Diamantes*, 1493-1503.
Ferrara, Itália.



29 – Giovanni Antonio Amadeo – “Fachada” em Igreja da Certosa di Pavia, 1475 – 1560. Pavia, Itália.



30 – Andrea Palladio (arquitetura) / Vincenzo Scamozzi (cenografia perspectivada fixa) – Teatro Olimpico, 1580-1585. Vicenza, Itália.



31 – Giulio Romano - *Palazzo del Te*, 1526 e 1534.
Mântua, Itália.



32 – Guarino Guarini - *Palazzo Carignano*, 1678. Turim,
Itália.



33 – Guarino Guarini - *Santa Sindone*, 1667–1694. Turim, Itália.



34 – Fernando de Casas y Novoa – “Fachada do Obradoiro” em *Catedral de Santiago*, 1738-1750. Santiago de Compostela, Espanha.



35 – Joseph Emanuel Fischer von Erlach - *Igreja de São Carlos Borromeu (Karlskirche)*, 1716-1737. Viena, Áustria.



36 – William Kent – “Marble Hall” em Holkham Hall, 1739-1773. Holkham, Inglaterra.



37 – Enrico Zuccalli - *Abadia Beneditina (Kloster Ettal)*, 2.ª metade do séc. XVIII. Ettal, República Federal Alemã.



38 – Cosmas Damian e Egid Quirin - *Igreja de São João Nepomuceno (Asamkirche)*, 1733-1746. Munique, República Federal Alemã.



39 – François Cuvilliers (arq.) Johann Baptist Zimmermann (estuques) – *Amalienbourg*. 1734-1739. Munique, República Federal Alemã.



40 – Jacques-Germain Soufflot - *Panthéon de Paris*, 1790. Paris, França.



41 – Pietro Bianchi - *Basilica di San Francesco di Paola*, 1816. Nápoles, Itália.



42 – Theophil Hansen – *Academia de Atenas*. 2.ª metade do séc. XIX. Atenas, Grécia.



43 – Louis Müller - *Igreja de São Paulo*, 1892-1897. Estrasburgo, França.



44 – Roberto Frassinelli e Federico Aparici y Soriano - *Igreja de Santa Maria la Real*, 1877-1901. Covadonga, Espanha.



45 – John Nash - *Royal Pavilion*, 1815-1822. Brighton, Inglaterra.



46 – Joseph Effner – *Magdalenenklause*, 1725. Munique, República Federal Alemã.



47 – Eduard Riedel - *Castelo de Neuschwanstein*, 1869-1892. Füssen, República Federal da Alemanha.



48 – Georg von Dollmann - *Castelo de Linderhof*, 1874-1879. Ettal, República Federal da Alemanha.



49 – Charles Garnier - “Le grand foyer” em *Ópera de Paris (Palais Garnier)*, 1861-1875. Paris, França



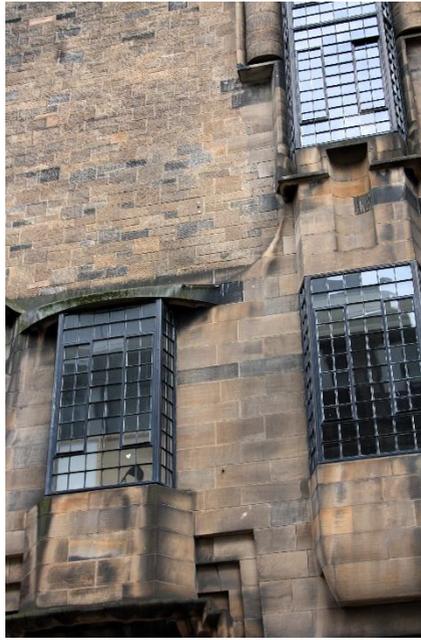
50 – Gustave Eiffel – *Torre Eiffel*, 1889. Paris, França.



51 – Otto Wagner – *Medallion House*, 1898-1899. Viena. Áustria.



52 – Charles Rennie Macintosh - *Willow Tea Rooms*, 1903. Glasgow, Escócia.



53 – Charles Rennie Macintosh –
Glasgow School of Art, 1899-1909.
Glasgow, Escócia.



54 – Lee Lawrie – “Wisdom”, 1933 em
Associated Architects – *Rockefeller Center*.
Nova York, Estados Unidos da América.



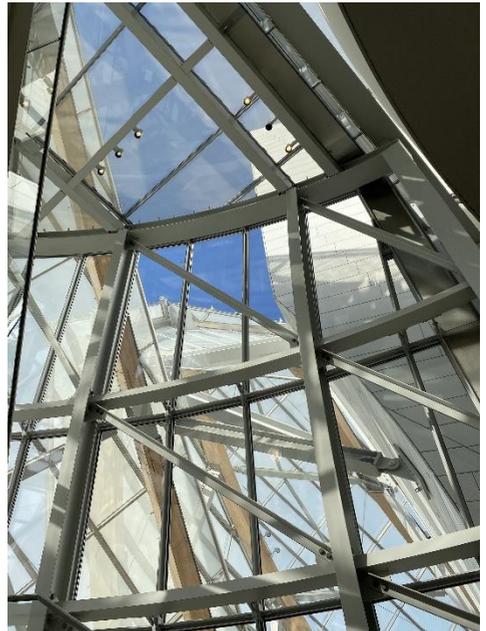
55 – Le Corbusier – *Capela de Notre-Dame-du-Haut*, 1955. Ronchamp, França.



56 – Frank Lloyd Wright - *Museu Guggenheim*, 1959. Nova York, Estados Unidos da América.



57 – Daniel Libeskind - *Museu Judaico de Berlim*, 1999. Berlim, República Federal da Alemanha.



58 – Frank Gehry - *Fundação Louis Vuitton*, 2014. Paris, França.



59 – Santiago Calatrava - *Estação World Trade Center*, 2016. Nova York, Estados Unidos da América.

ESPAÇO ALMEIDA GARRETT

DE SEGUNDA A SEXTA-FEIRA | DAS 9H00 ÀS 19H00